

MARLON BRANDO

VIDA E OBRA POR _____

Carlão!

Que ótima notícia! Eu sabia que alguma editora aceitaria a publicação do livro! Eu sabia! O que não se consegue com um pouco de dinheiro neste mundo, não é verdade? Martins Fontes. Conheço, sim. De nome. Martins Fontes. Avise que já depusitei, ontem mesmo, a primeira parcela. O restante segue, sem falta, mês que vem. Agora, só entre nós: os caras enfiaram a faca, hein? Misericórdia... O que são todos esses “custos de preparação”? Imaginei ter que bancar apenas a impressão do livro, não a imensa lista daquele Excel. Revisão gráfica. Revisão ortográfica. Coordenação editorial. Editoração... O tal Alexandre (o nome do editor é Alexandre, certo? Ou Alessandro?) está levando algum, com certeza. Mas tudo bem, tudo bem. Quem não quer levar o seu? Não vou discutir. Assino o cheque com um sorriso no

rosto. Depois de tantas recusas, o livro vai sair. É tudo o que importa.

A propósito, das mais difíceis sua primeira pergunta. Não sei. Realmente, não sei. Sinto muito, é a única resposta que posso lhe dar. Não sei por que o escrevi. A dúvida, inclusive, vem me perseguindo há algum tempo. No começo, imaginei tratar-se apenas de um simples hobby, sabe? Algo para preencher o tempo livre. Contudo, à medida que a coisa foi progredindo, outra explicação surgiu. Materializar reflexões. Transmitir idéias, ensinar tudo o que aprendi. Objetivos maiores, Carlão. Maiores. Evidente que, diante de justificativa tão nobre, não tive nenhuma dificuldade para me convencer. Satisfeitíssimo, satisfeitíssimo. A escrita não era mero passatempo, mas tarefa de grande relevância. E, por meses, soou bastante plausível.

Ao tentar lhe responder, no entanto, constatei que, fosse realmente esse o objetivo, eu não teria sido tão clemente comigo mesmo na narrativa. Ora, é fácil reparar. Por páginas e páginas espinafro a Fefê, o Luís (ou LooloF, ou L, não sei qual o nome artístico do momento), o Vini. Nem meus pais escapam. Já quando falo de mim, pego bem mais leve. Bem mais leve. Não é demonstração de grande elevação espiritual, não é mesmo? Não, não é. Nem um pouco. Aí, mudei de opinião. Vaidade. Escrevi o livro por pura vaidade. Quem sabe, apesar da guinada do ano passado, após o casamento da Verinha, não restem aqui ou ali resquícios do velho Giant? E tudo não passe da mera necessidade de me exhibir? Vaidade. Fazer o quê? Assumi sem flagelos na consciência. Que atire a primeira pedra qualquer um de nossos colegas

que nunca sonhou o mesmo, ainda que num breve momento de empolgação. Ninguém cruza a vida completamente imune às luzes, meu caro. Ninguém.

Mas logo percebi que também não era isso. Caso contrário, o tom geral da história seria bem mais triunfante. Se poupei-me do escárnio completo, não o substituí pelo auto-elogio. Capítulo a capítulo, me apresento alternadamente como oportunista desprezível, pobre vítima ou observador arguto. E, no fim das contas, quem não alterna, Carlão? Salvo biografias oficiais ou enredos esquemáticos, quem não alterna? Só me resta mesmo a resposta inicial. Por que escrevi o livro? Não sei. Tédio? Nobreza? Vaidade? Não sei. Juro para você que não sei. Provavelmente, um pouco dos três. Essa necessidade que temos de classificar tudo sob rótulos estanques é uma tremenda bobagem. Nobreza não exclui vaidade ou tédio. Não há tanto antagonismo no mundo como nos é confortável supor, Carlão. Além do mais, o que está feito, está feito. O livro vai sair e, ainda que o tiro saia pela culatra, sigamos em frente. Como diria minha falecida tia Zefa, alguma serventia há de ter.

Agora, não pense que me limitarei a repetir “não sei” às demais dúvidas que você enviou. Essas são fáceis, Carlão. Fáceis. E você certamente há de se impressionar com a engenhosidade. Vamos lá. Primeiro, compreendo o estranhamento quanto ao fato de o texto ser narrado em terceira pessoa, dado que é autobiográfico. Só não precisava me avacalhar afirmando que adotei o estilo jogador-de-futebol-dando-entrevista. Nada disso, Carlão. Nada disso. Pense comigo. O leitor chega à livraria. “Pô, o cara escreveu um livro

sobre ele mesmo. Que ridículo.” E ele tem razão. É ridículo. Ainda mais se considerarmos que, com exceção de nossos amigos, ninguém nunca ouviu falar neste que vos escreve. Ridículo. Ridículo demais. Daí a terceira pessoa. Para dar a impressão de ter sido escrito por outra pessoa. Sem contar que evito antipatias. É, antipatias. Sei que minhas opiniões não passam de minhas opiniões. Mas tenho plena consciência de que podem soar um tanto incômodas a grupos dos mais distintos. Aí, já viu: “Pô, cara arrogante, se acha o dono da verdade.” Ora, Carlão. Donos da verdade, no fundo, somos todos. Acreditamos piamente nos guiarmos pelos códigos corretos, defendermos as causas justas. Conhecermos os fatos como são, conduzir-nos na direção certa. Logo, ao encontrar opinião contrária, logo taxamos de arrogância. Sem perceber que praticamos o mesmo esporte. Conhece a clássica definição de Flaubert para imbecil? “Aquele que não pensa como nós.” Então. Escrevendo o livro em terceira pessoa, não corro riscos. Não sou eu, Marlon Brando, quem afirma isso ou aquilo. É o narrador, arrogante dono da verdade. Por tudo isso, você se incomodou com o título. Mas, ao contrário do que supôs e — com razão — qualificou como esquisitíssimo, o certo não é Marlon Brando, vida e obra por. Só Marlon Brando, vida e obra. O “por” dever ser completado com o nome de quem assinará o livro. Marlon Brando, vida e obra. Por “nome do autor”. Como ainda não sei quem será o distinto, o espaço estava em branco no original que lhe enviei. Entendeu, agora? Marlon Brando, vida e obra. Por “nome do autor”.

Falando nisso: alguma sugestão? Só peço que, por

favor, não responda com Marlon Brando, vida e obra. Por Carlão. Nada contra você, amigo. Mas é importante que eu consiga um nome de peso. Imagine só, Marlon Brando, vida e obra. Por Ruy Castro. Marlon Brando, vida e obra. Por Washington Olivetto. Ou, ainda, Marlon Brando, vida e obra. Por Caetano Veloso. Seria sensacional, não? Sensacional. O leitor olha a capa e pensa: “Pô, o Caetano escreveu isso. Deve ser bom, vou levar.” Infelizmente, acho bem difícil que figurões desse naipe aceitem. São cheios de princípios, cachê e tal. Mesmo assim, vou preparar uma lista com meus nomes ideais e envio para que encaminhe ao Alexandre/Alessandro, ok? Ao menos agilizar esses contatos ele faz, não? Pela grana que estou pagando, é o mínimo. Vou incluir, em separado, alguns nomes do terceiro escalão para que tenhamos um plano B. Sei lá, um Gustavo Piqueira, por exemplo. Se soltar milzinho na mão de um cara assim, ele certamente topa. Esse pessoal mais obscuro se ouriça todo ante qualquer possibilidade de exposição. Não vai ter trabalho nenhum, o livro já está todo escrito. Basta assinar. Aliás, basta assinar mesmo. Seja lá quem for o “autor”, não quero uma vírgula diferente do que escrevi, Carlão. Uma vírgula. Podemos, então, deixar combinado assim? Primeiro tentamos conseguir os melhores. Se não der certo, vamos de Gustavo Piqueira ou similar. Mas só em último caso, por favor. E não se esqueça de me passar qualquer outra boa idéia que surgir por aí.

Parte da mesma estratégia são as citações eruditas inseridas a cada abertura de capítulo, que tanto o impressionaram. Mas, desculpe a decepção, não andei lendo tudo

aquilo, não. Para ser sincero, comprei um livrinho de frases célebres. Foi dali que tirei todo o material. Mas que diferença faz? Causam impacto do mesmo jeito. O leitor começa a folhear, encontra um Platão aqui, um Voltaire ali e pronto. “Pô, Platão e Voltaire. Profundo. Livro profundo.” O conteúdo soa mais elaborado, mesmo que não faça sentido algum. Todo mundo adora se sentir inteligente, Carlão. Mesmo que não faça sentido algum.

Minha única nota de profundo descontentamento: a notícia de que a editora decidiu eliminar os capítulos quatro e cinco da parte dois. Como assim, eliminar? O livro é meu. Inclusive, estou pagando integralmente sua publicação. Sou eu quem deveria decidir o que entra ou não. Até concordo com a análise do Alexandre/Alessandro. O capítulo quatro era puro sexo explícito, enquanto o seguinte trazia violência escatológica. Popularescos, assumo. Mas “gratuitos”? Não, senhor. Nada gratuitos. Ainda que não se encaixassem na narrativa, quem hoje em dia se interessa por algo que não tenha porrada ou sacanagem? Quase ninguém. E — por favor, não pense tratar-se de autopiedade — minha história não é das mais aventureiras. “Pô, só tem Voltaire e Platão? Que saco.” Não, não. O leitor alcança o capítulo quatro e... “Pô, putaria das boas. E sangue, muito sangue. Do jeito que eu gosto. Livroço. Livroço. Caetano Veloso acertou a mão.” Ora, a editora não percebe isso? Que a função de ambos era exatamente a de atrair público? Inacreditável... Fora que sexo e violência tornam qualquer livro mais moderno. E é importante. Ser moderno. Sei que você afirmou estarem eles irreduzíveis quanto à tesourada, mas tente mais uma vez,

Carlão, agora com base nestes argumentos. Só mais uma vez. “Gratuitos.” É brincadeira. Na minha terra, tem outro nome. Falta de visão de negócio, isso sim. Impressionante. Caprichei tanto naquela cena do matagal, não achou? Uma semana inteira só para escrever aquilo, Carlão. Uma semana inteira. Mas, enfim, se não voltarem atrás, a única coisa de que faço questão é a não-enumeração dos capítulos seguintes. Pula direto do três para o seis. Senão, toda a estrutura díptica do livro vai para o espaço. E deixe bem claro: disso, não abro mão.

É tudo. Gostei de saber que as coisas andam tranquilas aí em São Paulo. Por aqui, também. Sem grandes novidades. Um grande abraço, muito obrigado por toda a ajuda.

Marlon

P.S.: Carlão, último pedido. Já que as ilustrações coloridas não rolaram, tenta negociar com eles pelo menos uma capa dura, vai? Uma capinha dura daria uma bela valorizada no livro...

Copyright © 2008, Livraria Martins Fontes Editora,
São Paulo, para a presente edição.

1ª edição 2008

Acompanhamento editorial

Helena Guimarães Bittencourt

Revisões gráficas

Ana Maria de O. M. Barbosa

Renato da Rocha Carlos

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação

Rex Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Piqueira, Gustavo

Marlon Brando : vida e obra / Gustavo Piqueira. – São
Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2008.

ISBN 978-85-7827-051-3

1. Ficção brasileira I. Título.

08-06817

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Todos os direitos desta edição reservados à

Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3241.3677 Fax (11) 3101.1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br

<http://www.wmfmartinsfontes.com.br>

MARLON BRANDO

VIDA E OBRA POR GUSTAVO PIQUEIRA

**CREIO QUE
MINHAS
IDÉIAS
SÃO BOAS E
CORRETAS,**

MAS QUEM NÃO CRÊ O MESMO DAS SUAS?
Montaigne

PARTE I

- 1 **Origens** 19
- 2 **Estilo** 27
- 3 **Idéias** 36
- 4 **Expressão autoral? Ou planejamento estratégico? As difíceis escolhas de Marlon Brando** 44
- 5 **Como Marlon Brando buscou se constituir num elemento transformador dentro do mundo globalizado** 53
- 6 **Projetos selecionados e comentados** 61
- 7 **Sucesso** 68
- 8 **Morte** 75

PARTE 2

1 **Origens** 85

2 **Estilo** 92

3 **Idéias** 99

~~4 **Expressão autoral? Ou planejamento estratégico? As difíceis escolhas de Marlon Brando**~~

~~5 **Como Marlon Brando buscou se constituir num elemento transformador dentro do mundo globalizado**~~

6 **Projetos seleccionados e comentados** 108

7 **Sucesso** 115

8 **Morte** 126



PARTE I

I **Origens**

Marlon Brando Dias Fuzetti nasceu em Alvinópolis. Filho de Gilmar Fuzetti e Maria de Lourdes Dias Fuzetti. Irmão mais velho de Eduardo e Claudia (ambos, também, Dias Fuzetti). Como você pode ver, nada de mais. A não ser, claro, pelo nome ridículo que seus pais lhe deram. (Atente para o agravante de seus irmãos não se chamarem Clark Gable Dias Fuzetti ou Jane Fonda Dias Fuzetti, simplesmente Eduardo e Claudia.) Nada, porém, que o tenha incomodado durante os primeiros catorze, quinze anos. E — sejamos francos, Marlon — por algum tempo você até gostava de topiar com o ilustre homônimo na tevê. Cutucava o Dudu cheio de orgulho. Olha outro Marlon Brando aí, Dudu. Você já viu algum Dudu na tevê? Nunca? Olha outro Marlon Brando aí. O caçula, sete

anos mais jovem, fazia cara de bobo, Marlon sorria em júbilo. Hoje sabemos que o pequeno Eduardo não reagia daquele modo por corroer-se de inveja, após não encontrar nenhum “Dudu famoso” que servisse como resposta. Pelo contrário. Tratava-se apenas da expressão idiota que todos ostentamos aos quatro anos. Mas, à época, Marlon não percebia. E sorria em júbilo. Olha outro Marlon Brando aí, Dudu.

No entanto, como já dissemos, com catorze, quinze anos, percebeu o quanto seu nome era jeca. Passou, então, a amaldiçoar o arroubo de criatividade de seus pais. “Foi coisa de sua mãe”, repetia seu Gilmar. Esta, coitada, saía-se ainda pior. “Mas é um nome tão bonito, filho.” Lindo, mãe. Lindo. Queria ver o que a senhora diria, caso tivesse sido batizada como Grace Kelly Dias.

De tanto insistir, contudo, um dia a mãe revelou-lhe ter sido grande admiradora — quando “mocinha” — do ator. Que péssimo. Que péssimo. Ele se chamava Marlon Brando porque sua mãe era apaixonada pelo Marlon Brando original. Quando “mocinha”. Que péssimo. Como o pai não reclamou? Corno de um galã americano. É, corno. À distância, mas ainda corno. Que péssimo. Se poderia ter sido pior? Sim, sim. Caso dona Lourdes tivesse se encantado pelo Ronnie Von. Jerry Adriani. Sidney Magal. Pepeu Gomes. Todos, sem dúvida, muito piores. Servia como consolo? Não, não servia. Marlon Brando continuava péssimo. Péssimo.

E calma lá, seu Gilmar. Calma lá. Não pense que, uma vez despejada toda a culpa do nome Marlon Brando sobre os suspiros de sua esposa, escapará incólume da adolescência de nosso biografado. Redondo engano, seu Gilmar. Redondo engano. O senhor foi responsável por um dano de proporções ainda maiores. Saltemos qualquer tentativa de adjetivos, direto à narrativa. Só os fatos podem descrever, com exatidão, o sofrimento que um pai infligiu ao próprio filho.

De sangue empreendedor, o jovem Gilmar logo decidiu engavetar o diploma de agrônomo e arriscar o próprio negócio. Uma empresa de organização e animação de festas, na cidade natal. Nascia a Fuzetti Festas. Casamentos, formaturas e bailes no clube constavam do primeiro folheto de divulgação. Foi o quarto item, porém, que fez a firma decolar e garantiu um padrão de vida confortável, ainda que sem grandes luxos, à família que se formava e crescia. Festas infantis. De início, nada além do tradicional kit bexiga-língua-de-sogra-palhaço. Mas, com o passar dos anos, o pai de Marlon aperfeiçoou a oferta de serviços e lançou o que chamava de “festa à la carte”. Sacada de marketing duvidosíssima, significava apenas ser possível ao cliente escolher um tema específico para o aniversário do júnior. *Festa no espaço*, *Aventura na selva* e *Castelo encantado* eram algumas das opções. *Turma da Mônica*, disparado, a mais popular.

Pois assim corria a vida num sábado, quando encontramos Marlon voltando de um churrasco no sítio de amigos. Treze cervejas na cabeça. Ao entrar em casa, topou com o pai, andando pra lá e pra cá. Preocupadíssimo. Miltinho, o funcionário que habitualmente “interpretava” o Cebolinha, sumira. Como assim, pai? Sumiu? “Sumiu. Não sei como. O filho-da-puta sumiu.” Quatro e meia, festa marcada para as cinco. E nada do Cebolinha. Trôpego, Marlon desabou no sofá e, por vinte minutos, assistiu à crescente apreensão do velho Fuzetti. Dez para as cinco, seu Gilmar desistiu. “Marlon, levanta aí. Preciso que quebre esse galho pra mim.” Eu? “É. Tome aqui a fantasia de Cebolinha. Estou no carro lhe esperando.” A soma da conhecida rigidez paterna com as treze cervejas foi decisiva para impedir qualquer contra-argumento. Sem saber direito o que fazia, vestiu a roupa verde de pelúcia, apoiou o cabeção redondo sob o braço. E foi.

Sucesso absoluto. Bêbado, Marlon divertiu a todos, por horas. As crianças adoraram, os pais adoraram. É verdade que Ritinha, filha do Geraldo padeiro, assustou-se um pouco ao ser agarrada pelo Cebolinha na entrada do banheiro. Mas foi um caso isolado. No geral, sucesso absoluto. O que, para Marlon, não poderia ter sido mais desastroso. Na manhã seguinte, curado da bebedeira, recebeu de um pai orgulhoso a notícia. Miltinho fora demitido. Irresponsável. A partir de agora, sempre que houvesse uma

festa *Turma da Mônica*, seu primogênito seria o Cebo-
linha. “Vai ganhar seu próprio dinheiro, filho!”

Dois anos de pesadelo. Mais de cinquenta tardes dentro daquela maldita fantasia, procurando entreter um bando de crianças histéricas. Na tentativa de aliviar o calvário, por vezes buscou repetir a tática original, entornando seis doses de conhaque Presidente antes de encarnar no infeliz. De nada adiantava. A bebida parecia não subir, e Marlon seguia, sóbrio feito um poste, rumo a quatro horas de torturantes gincanas, caças ao tesouro e danças da cadeira. Nada comparável, claro, ao pavoroso grand finale. O dueto musical *Manhã de primavera*. Ele e “Mônica”. Sem sombra de dúvida, a mais estúpida canção jamais escrita. *Manhã, manhã, manhã de plimaveeeela! Pintula, pintula, pintula de aqualeeeela! Manhã, manhã, manhã de plimaveeeela! ...* Chega, chega. Mesmo hoje, passadas quase duas décadas, a lembrança ainda causa arrepios no pobre Marlon. E não foram poucas as noites em que despertou, apavorado, em meio a horripilantes sonhos musicais. Como aquele em que gângsteres o encurralavam num beco escuro, sacavam suas armas, mas, em vez de balas, soltavam a garganta. *Manhã, manhã, manhã de plimaveeeela! Pintula, pintula, pintula de aqualeeeela! Manhã, manhã...* Chega. Por favor, chega.

Todos hão de concordar, o futuro se desenhava dos mais sombrios. Um nome ridículo. Uma profissão, idem. Não. Profissão, não. Aquilo nem profis-

são era. Por acaso você encontra a opção “Cebolinha cover” em algum formulário? Encontra? Então. Aquilo nem profissão era. Apliquemos, pois, “ocupação”. Uma ocupação ridícula. Uma cidadezinha caipira. O que viria a seguir? Casar com alguma das meninas de lá, ter filhos, envelhecer e morrer? Não, não. Apesar de, inegável, algumas meninas da cidade serem bastante interessantes. A Deyse, por exemplo. Delícia. Mas só porque tem dezessete anos. Com trinta, está acabada. Veja o exemplo da prima Sônia. Estado lastimável. Gorda feito uma morsa. Não. A vida não podia ser só aquilo. Pelo menos não a dele.

24

Traçou então um plano que, se nada tinha de original, servia muito bem a seus propósitos. Faculdade em São Paulo. O primeiro passo, convencer seu Gilmar e dona Lourdes, foi moleza. Pais tendem a valorizar qualquer atitude dos filhos em direção a segurança e estabilidade. Dinheiro — a segunda etapa — deu um pouco mais de trabalho. Mas esforçou-se nos cálculos ao lado do pai e, em poucos meses, a empreitada se mostrara viável. Apertada, porém viável. Faltava só escolher o curso. Vocação? Nenhuma. Aliás, esse negócio de vocação está um pouco fora de moda, não? Pouco importa o que se gosta de fazer. Bobagem. Mais vale analisar o que determinada profissão pode nos tornar.

Vejamos então. Que tal Direito? Não, certinho demais. Terno, gravata. Assim como Engenharia. Ou Economia. Medicina? Pior. Pessoas doentes, sapatos

brancos. Cintos brancos, também. Sai fora. Tentemos a outra ponta. História ou Biologia. Para virar professor? Não. Professor ganha pouco. Artes plásticas? Ganha menos ainda. Psicologia. Para passar a vida ouvindo gente maluca? Não. Música? Última opção. Definitivamente, música é a última opção. Vai que *Manhã de Primavera* faz parte do currículo... Quando, desanimado, Marlon já se preparava para técnicas pouco ortodoxas de decisão, como sorteio, eis que na página 84 do Guia do Estudante fez-se a luz.

“Design é uma profissão contemporânea e o mercado de trabalho tem reconhecido e absorvido os profissionais da área com relativa facilidade. O profissional pode atuar nas mais diversas áreas da indústria cultural, como editoras, escritórios de design gráfico, emissoras e produtoras de cinema e TV, produtoras de eventos culturais, agências de publicidade e marketing. Além disso pode desenvolver projetos pessoais ou em organizações não-governamentais.”

Perfeito. “Profissão contemporânea.” Perfeito. Acompanhe. “O mercado de trabalho tem reconhecido e absorvido os profissionais da área com relativa facilidade.” Tradução: dá dinheiro. “Indústria cultural”: poder com glamour. Sim, com glamour. Ora, não se trata de indústria metalúrgica ou farmacêutica. Indústria cultural. Cul, tu, ral. “Pode desenvolver projetos pessoais”: é cool. Para completar, ainda vou para o céu, graças às “organizações não-governamentais”. Design. Perfeito. Adeus, Alvinópolis, Cebolinha, vidinha. Adeus.

Foi fácil. Inscreveu-se em vários vestibulares, passou em alguns — ainda que aluno burocrático, burro nunca foi —, arrumou as malas, desembarcou no apartamento alugado da Vila Mariana. E capítulo encerrado.

Claro que existem outras passagens marcantes na juventude de Marlon Brando. A festa do pijama na casa do Rovilson. O gol de voleio na final do Ferreirão. Até mesmo a surra no Michel. Mas nenhuma vem ao caso aqui. Afinal, é importante manter o foco no assunto principal antes que o leitor se impaciente. Se bem que o gol de voleio, particularmente, foi notável. Zero a zero, chuva torrencial. O juiz preparava-se para apitar o fim do jogo quando, numa roubada de bola, Rubinho avançou pela esquerda. Marlon acompanhava pelo meio, até o bico da grande área. Num sensacional giro de corpo... Não, não. Vamos parar por aqui. Trata-se de *Marlon Brando, vida e obra*. Não *Marlon Brando, futebol compacto*. Capítulo encerrado.